

Evangelho de Mateus (*Curiosidades e reflexão*)

Há várias curiosidades no Evangelho de Mateus, mesmo quando comparado aos demais. Vamos ver, apenas, duas delas: a genealogia e o Evangelho da Infância.

Mateus é um judeu e escreve para judeus convertidos ao cristianismo. A cultura judaica tem a genealogia, em grande estima.

Para Mateus, Jesus é o “Filho de Davi” e seus ancestrais remontam a Abraão. São 14 gerações antes de Davi e 14 depois dele (Mt 1,1-17).

Lucas ultrapassa Abraão e diz que Jesus é descendente de Adão (Lc 3,23-38).

Já o teólogo João revela que “no princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” e “habitou entre nós” (Jo 1,1.14).

A outra curiosidade são os dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas, conhecidos como o “Evangelho da Infância”. Cada um tem sua narração própria. É somente Lucas que narra o anúncio e o nascimento de João Batista, seguido do Benedictus. O mesmo acontece com Jesus: anunciação e nascimento, intermeado com a visita a Isabel e o Magnificat. É só Lucas que fala do recenseamento, da visita dos pastores, da circuncisão e Jesus aos doze anos, no Templo.

Por outro lado, é somente Mateus que descreve o sonho de José, a visita dos Magos, a fuga para o Egito e a morte de crianças em Belém.

O curioso é que, para Mateus, José é o protagonista e é ele que dará o nome a Jesus, por ser descendente de Davi. Para Lucas, Maria a é a protagonista e é ela que dará o nome.

O Evangelho é um só, o de Jesus Cristo. Os evangelistas, dentro de seu contexto histórico e convicções pessoais, escrevem “inspirados por Deus” (cf. 2 Tm 3,16). Todos estão certos porque um completa o outro, ou como dizia o professor e biblista Simão Voigt “a Bíblia se explica por ela mesma”.

A reflexão é a seguinte: Mateus escreve seu Evangelho para os judeus recém-convertidos ao cristianismo. Seu objetivo é mostrar que, em Jesus de Nazaré, se cumpriram as profecias messiânicas do AT. Isto não era fácil perceber porque todos pensavam que o Messias seria como um “novo Davi”.

Este rei venceu Golias, expandiu os territórios de Israel, uniu todas as tribos, constituiu Jerusalém como capital do país e, nela, pretendia construir um majestoso Templo, do qual todo o israelita se orgulharia.

O Messias percorreria este mesmo caminho com muito mais brilho.

Cada partido religioso ou político puxava a “sardinha para seu lado”. Os saduceus e os Sumos Sacerdotes queriam um “Messias do Templo”, os fariseus e doutores da Lei um “Messias da Torah”, os levitas um “Messias Sacerdote”, os zelotes um “Messias Libertador” e assim por diante.

Como coadunar tudo isso com um Messias Jesus que nasceu pobre e operário até os 30 anos, que morou numa cidade de periferia e mal vista “pode vir alguma coisa boa de Nazaré” (Jo 1,46)?!

E, principalmente, como coadunar um Messias da cruz: “Maldito o que for suspenso num madeiro” (Dt 21,23)!

Outro fato que não ser esquecido é a Guerra Judaica, maximamente, o ano 70 quando aconteceu a completa destruição de Jerusalém e do Templo. Isto pôs fim aos holocaustos e sacerdócio levítico, à dinastia do Sumo Sacerdote e ao Sinédrio. Era como que um “fim do mundo”, do qual Mateus faz referência nos capítulos 24 e 25.

Mais ainda: os seguidores de Jesus questionavam sua própria identidade: quem somos nós?!

No início frequentavam o Templo (cf. At 3,1) e as sinagogas (cf. At 9,20; 13,5). Desde cedo, porém, começaram as divergências doutrinárias. A crescente animosidade culminou com a Assembleia de Jamnia (final do século I) que estabeleceu o Canon Hebraico em 39 livros, e a proibição dos cristãos de participarem da sinagoga. O Evangelho de João faz referência a este fato (cf. Jo 9,18-23).

É neste contexto que aparece o Evangelho de Mateus não só para firmar a fé, mas, também, de eles mesmos mudarem sua mentalidade de um Messias-Glorioso para um Messias-Servo Sofredor. Essa mudança é indispensável e o Evangelho de Mateus tem este objetivo.

O apóstolo Paulo diz: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos renovando vosso modo de pensar para que possais distinguir qual é a vontade de Deus” (Rm 12,2).

Frei Luiz Iakovacz